



Nós estamos dentro das coisas

Quando tinha escassos dezassete anos, Calane da Silva escrevia os seguintes versos: «Hoje venci a golpe de machado a minha esperança, venci o infinito». Agora, passados quase vinte e oito anos, Calane da Silva já não é o mesmo. Desabitou o Chamanculo, o Alto Maé a Malanga, não mais a casa de madeira e zinco, os compoundes de magaiças, as badjas e ximalabiga. Sobra essa outra voz mais rouca porque mais madura, mais ousada e mais despida de sonhos, mais real. Porque como ele próprio afirma «o poema na verdade ou a verdade dentro de nós é um poema incessante». E vê o mundo avançando em espiral, lentamente, como uma galáxia, como a própria vida, enfim...

Quase naturalmente nos encontramos no espaço desta entrevista. Hoje jornalista, poeta, contista, e outros maisjectivos transbordam dessa velha esperança vencida a golpe de machado do infinito da vida... Passam vinte e oito anos.

- Calane da Silva, o jornalista, poeta, contista, numa entrevista exclusiva ao jornal "domingo"

«Sem pluralismo de ideias é muito difícil fazer avançar a cultura» — afirma o autor de «Xicandarinha na lenha do mundo»

«DOMINGO» — No bate-papo introdutório desta entrevista, falou em espiral, falou também da vida, e se não me engano fizeste uma comparação entre a vida e essa espiral. Em que ponto dessa espiral é que te situas?

CALANE — Eu não estou num ponto, estou dentro da espiral. Nós estamos dentro das coisas. É como se estivesse mergulhado num oceano, em que ponto é que estás? O importante é estar mergulhado nesse oceano e saber que tu fazes parte desse espaço imenso de criatividade, interrogações, e tudo aquilo que faz de nós seres universais. O homem não está só no seu cantinho, na sua carne. Não! Faz parte do todo universal. Daí que cada homem é uma artista, e cabem milhões e milhões de artistas neste espaço imenso.

D. — Nesse espaço imenso de que acabou de falar, Calane da Silva tem certamente a sua história. Talvez os leitores estivessem interessados em ouvir um pouco dessa história para se poderem situar.

C. — Eu podia avançar com alguns aspectos particulares da minha vida, mas isso não é o mais importante. Nós estamos aqui nascidos desta sociedade moçambicana que é multifacetada e complexa. Por exemplo, no nosso tempo o problema da pele estava muito agarrado à sociedade que nos obrigava a termos medo de nós mesmos. Esta verdade para uns é longa para outros. Nós fomos ao longo do tempo vendo que não é isso que interessa ao homem. Isto é uma faceta muito roída da sociedade. E eu fui vítima disso, é só consultar o poema «Dos Meninos da Malanga», lá está isso bem patente. Acabam por ser poemas autobiográficos também. Lá está aquilo que foi o sofrimento na pele e na alma. O «Xicandarinha» tem também aspectos autobiográficos. Muita gente pensa que não é verdade porque ali a verdade é quase mais do que ficção. E eu até nem pus os aspectos mais escalabrosos de uma sociedade naquela altura, mas pelo menos aspectos ligados a uma certa infância. Como alguém disse um dia: era o penetrar lí-

fantil de um olhar adulto.

D. — Calane da Silva começou escrevendo «Dos Meninos da Malanga» que é um livro de poesia, e acabou escrevendo o «Xicandarinha na Lenha do Mundo», que é um livro em prosa. Quer explicar isso?

C. — Eu posso dizer que os primeiros textos não foram em poesia. Nunca escrevi poesia durante a minha adolescência. Embora já tivesse alguns laivos naquele sentido, eu escrevia sobretudo mais prosa. Eu tive a felicidade de ter como professora de Português a senhora Maria de Lurdes Cordeiro que esteve aqui mais tarde como professora da Universidade Eduardo Mondlane. E foi ela que me incentivou a criatividade. De facto foi na prosa, na prosa poética talvez, baseado mais num conteúdo da realidade do que ficção que ela me incitou, e vejo que isso teve mais tarde o meu voo para o campo jornalístico. Não quer dizer que na altura não tivesse abordado também o campo da poesia. Mas efectivamente é na prosa que eu voo caminhar, é na prosa que eu sinto a poesia das coisas.

D. — Nota-se no livro «Dos Meninos da Malanga» uma pequena influência da oratura. É como se fosse um contar de histórias, de maneira simples da tradição. E você como autor sente isso?

C. — Eu nasci aqui no sul, à beira do rio Maputo, na região dos rongs. O que nos valeu em termos culturais foi a música tradicional, foi a avó contando histórias. Ao fim e ao cabo a oralidade marca muito. E é uma maneira bonita de contar uma história, de contar uma paisagem, de contar qualquer outra coisa. As vezes não é nem mais interior nem mais exterior, é mais o sentido daquilo que é a alma. Não posso dizer que não tenho essas influências, seria mentira.

D. — Na parte descritiva do «Xicandarinha» um jogo de emoções que aparece encaixado ali no meio do enredo. Isso tem a ver com o quê?

C. — Creio que isso tem a ver com a minha maneira de ser. Há realmente muita poesia na prosa. Eu sou prosador e não poeta, mas gosto da palavra que me encanta. Nós também sabemos que existe o nosso leitor, temos que saber agradar ou pelo menos motivar a leitura. Isso é importante num escritor. Há casos de escritores difíceis para a maioria e outros que são mais acessíveis; os leitores adoram e comentam. Eu acho que há leitores que apanharam a mensagem do «Xicandarinha», que apanharam o conteúdo emocional da história.

D. — Voltando ao problema da pele, ao problema do tempo colonial, como é que sentiu os efeitos desse tempo no campo da literatura?

C. — Eu senti mais do ponto de vista jornalístico que do ponto de vista literário. Eu vou dizer que no tempo colonial só publiquei seis ou sete poemas nos jornais. Quanto aos outros era impossível porque seriam imediatamente cortados. Entretanto, foram-se publicando coisas. Por exemplo, o livro de José Craveirinha «Karingana Wa Karingana» já estava praticamente concluído na Tipografia Académica, quando saiu em 1974. Agora o problema da pele; nós somos humanos, e às vezes não é fácil passar da pele para a alma, ou seja, do problema racial para o entendimento dele, ou seja, para a sua superação. Saber que um indivíduo não é mau porque é negro, não é mau porque é mulato, não é mau porque é indiano, não é mau porque é branco. Essa compreensão faz-se hoje mais facilmente entre os intelectuais, porque vão lendo, vão compreendendo, vão analisando. Não é fácil, é necessário um exercício intelectual e um contacto múltiplo com as pessoas. É por isso que eu digo que não pode de maneira alguma, e isso é fundamental, sem liberdade, sem democracia, sem pluralismo de ideias, é muito difícil fazer avançar a cultura. Muitas vezes ela pode existir mas fica estagnada, sem liberdade de expressão.

D. — Calane, você é moçambicano. Está num projecto literário

também moçambicano. Como é que vê a inserção desse pequeno projecto do grande projecto Moçambique?

C. — O projecto Moçambique vai-se fazer, quer seja interrompido por aqueles que odeiam a liberdade, por aqueles que não querem a democracia, por aqueles que não querem o pluralismo, quer por aqueles que se batem pela liberdade, se batem pela democracia. O projecto Moçambique é um projecto bonito, pois não é só um projecto literário, é o projecto de uma sociedade que nós queremos que tenha o seu espaço de criatividade, tenha o seu espaço de amor, tenha o seu espaço de dignidade humana. Ninguém é senhor da verdade, mas atrás dessa livre expressão a gente vai convivendo e vai gostando. O poeta, tal como o pintor, tal como um profeta, muitas vezes deixa marcada a sua mensagem, e aí talvez seja mais longe na sua criatividade. Por isso não devemos confundir o homem com a obra.

D. — Se Calane da Silva fosse um político, qual seria a sua acção mais urgente, qual seria o seu sonho?

C. — Eu, como jornalista, estou inevitavelmente trabalhando no âmbito político. Quanto ao meu sonho, eu gostaria que a gente pudesse fazer cada vez melhor e mais inteligentemente as coisas. Mas o poder tem na sua essência, só por ser poder, alguns problemas. Não é fácil a gente tolerar o outro, a gente mata porque tem medo do outro. E este problema é fundamental. Nós estamos impregnados de medo. O medo leva ao crime. O crime é o medo de perder a amada. Se te puderes libertar desse medo do outro, então sentes-te mais livre e mais amoroso. Politicamente eu gostaria que tivéssemos a força espiritual de fazer a transformação da sociedade sem violências.

D. — Acabou de falar de amor e do crime. Que lugar ocupa o amor na sua obra?

C. — Eu acho que para uma obra é um acto de amor. Fala e escreve tira da para fora o que a gente den-

tro. É um acto de luz. Devo dizer que sem amor não há criação.

D. — Para onde é que está virado o seu futuro literário?

C. — Está virado para a novela e o romance. E paralelamente outros livros, não digo ensaísticos, mas biográficos, investigação e história.

D. — E o que é que pensa acerca da crítica literária feita em Moçambique?

C. — Se não existe ou se existe em pouca profundidade, tem os seus motivos, subjectivos e objectivos. É uma área que nunca teve uma grande abordagem. Houve alguma no tempo colonial. Porque essa área requer formação. E quantos indivíduos com formação superior em linguística e literatura nós temos? Poucos! E desses, alguns são capazes até de não querer abordar publicamente os trabalhos. Temos também alguns curiosos, talvez menos apetrechados, com algumas lacunas, claro.

D. — Há uma opinião que anda muito em voga tanto na Europa como aqui em Moçambique. Dizem que a juventude tomou de assalto a arena literária em Moçambique. Quer comentar isso?

C. — Ninguém tomou de assalto nada. Hoje é o tempo da juventude, é o tempo da literatura, é o tempo da descoberta. Não é isto que me preocupa. Isto é o belo que existe numa sociedade, que ela consiga fazer suar as pessoas que são criadoras e transformadoras. É uma questão de capacidade de cada um. Importa o valor da obra e não a idade.

D. — Tem algum livro no prelo?

C. — Tenho uma novela e um romance.

D. — Para terminar o que pensa da literatura moçambicana?

C. — Estou entusiasmado. Eu creio que neste «boom» da quantidade já estão a surgir livros de qualidade. Não ouçaria de maneira nenhuma focar nomes, deixemos passar o tempo, vamos ter coisas boas.